

Francisco Noa
Império, Mito e Miopia.
Moçambique como invenção literária
Lisboa, Caminho, 2002

O diálogo entre passado e presente

A possibilidade de eu, alguém com uma formação mesclada entre a sociologia, psicologia e história, comentar uma obra como a de Francisco Noa fez emergir a hipótese de uma escapadela bem ensaiada e um pedido de desculpa. Mas quis o Diabo tecê-las: a leitura do livro de Noa, ou melhor, as suas re-leituras, deixam-me perplexa com o voejar temporal, cronológico, social, cultural, político e porque não humano, que o seu estudo sobre a literatura colonial portuguesa (1930-1974) permite a qualquer leitor ávido do passado. Mas, o mais curioso é que a escolha de Noa ao privilegiar o romance colonial como 'amostra' analítica para a realização dos seus objetivos, deixa desde logo antever o que Kundera no seu ensaio sobre a *Arte do Romance* revela: "o romance acompanha o homem constante e fielmente desde o começo dos Tempos modernos. A "paixão de conhecer" ... apoderou-se então dele para que perscrute a vida concreta do homem e a proteja contra o "esquecimento do ser"; para que mantenha o "mundo da vida" sob uma iluminação perpétua"¹. É esta "iluminação perpétua" que Noa nos deixa sentir ao exumar do tempo não só a literatura colonial portuguesa em Moçambique, mas todo um *modus vivendi*, uma ideologia pensante e discursante do colono sobre o "Outro", o retrato psicológico daqueles que viveram num tempo pleno de desassossegos, o espartilho pensado e construído com o intuito de silenciar as vozes, as emoções e o 'mundo' das vidas autóctones, categorizadas como elementos humanos que deveriam ser subjulgados mediante os cânones da civilização cristã e europeia. Enfim, o abrir a porta de um universo que nos parece, distraidamente, longínquo, uma ficção para quem jamais viveu os recalcamientos sociais e culturais impostos por um sistema colonial, ditador e negligente da individualidade própria e inviolável de cada ser humano.

Este livro do Francisco Noa deixa-nos, na esteira desta sua pesquisa, uma certeza viva, como que tão quotidiana nas nossas